



A educação da diversidade nos níveis fundamental e médio

Autor: Andréia Regina Moura Mendes

A Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 torna obrigatório na rede de ensino nacional o estudo da “História e Cultura Afro-Brasileira”. Ao longo dos últimos anos desenvolvemos diversas atividades que privilegiam o estudo do outro e o resgate de suas práticas culturais e dinâmicas sociais.

O estudo sobre a África e o Brasil africano perpassa toda a estrutura curricular do ensino fundamental e recebe o mesmo enfoque nas séries do ensino médio. Este relato apresenta duas experiências efetivadas no ano de 2007 em duas realidades socioeconômicas diferentes, vivenciadas em áreas distintas da Grande Natal. As atividades foram desenvolvidas numa escola particular da capital e numa instituição pública de ensino médio de Parnamirim. Estas experiências nos mostraram a importância de educar o nosso aluno para olhar sobre a alteridade de forma que ele possa também fazer o exercício relativista. Para a apreensão de determinados conceitos, como cultura, identidade, patrimônio, trabalhamos com textos adaptados das ciências sociais e levantamos diversas discussões antes da apresentação dos trabalhos.

A primeira experiência ocorreu no mês de outubro de 2007. O trabalho foi desenvolvido em quatro salas de 7º ano, com um conjunto de 135 alunos. Como proposta curricular, o livro didático oferece um capítulo sobre a História da África. Montamos um programa de estudo e investigação que culminou com a apresentação dos dados obtidos na forma de uma gincana cultural. O primeiro passo foi realizar a leitura e debate do capítulo: “A África dos grandes reinos e impérios”, contido na obra didática “História das

cavernas ao terceiro milênio”.¹ Após a aula expositiva e os comentários tecidos pela turma, sugerimos a ampliação de nosso estudo com a coleta de dados sobre os vários aspectos da cultura africana: lendas, mitologia, culinária, cultura material, obras literárias e de pesquisa, além de música. Os alunos, divididos em grupos precisavam reunir estes dados e organizá-los para a apresentação.

Uma das tarefas foi a elaboração do perfil socioeconômico das nações africanas, abordadas no capítulo. Para tanto, utilizaram-se de atlas, enciclopédias e livros de geografia para complementar o quadro exigido.

Outra tarefa oportunizou aos alunos abandonarem uma série de (pré) conceitos estabelecidos em relação à religiosidade africana. Propomos uma coleta de dados sobre as religiões e rituais de origem afro, com a elaboração de ensaio escrito e montagem de mural sobre a presença destes ritos em duas expressões religiosas no país: o candomblé e umbanda. O panteão de divindades chamou a atenção de muitos alunos que trataram de estabelecer pontes com outras sociedades politeístas da antiguidade e do tempo atual. Com a pesquisa pronta a apresentação da conclusão do trabalho foi na forma de uma gincana cultural, que contou com o envolvimento de todos os alunos e a participação dos pais na seleção de materiais, disponibilizando alguns objetos para o trabalho final. Com esta atividade percebemos que o respeito e a tolerância precisam ser incentivados em todas as séries do ciclo básico. Através do estudo da alteridade, podemos estimular o aluno a enxergar um pouco mais de si dentro da própria humanidade.

A experiência seguinte desenvolveu-se no mês de novembro de 2007, em celebração ao Dia Nacional da Consciência Negra. As atividades programadas para dois dias envolveram 14 salas de aula de ensino médio de uma escola pública do município de Parnamirim. Nesta atividade enfrentamos diversas dificuldades para mobilizar alunos e demais professores. Apesar da resistência e falta de apoio de metade do corpo docente, programamos a abertura com a professora de História e Cultura do RN para explicar aos alunos o significado do Dia Nacional da Consciência Negra, a importância de Zumbi dos Palmares e a resistência da cultura negra no Brasil.

¹ BRAICK, Patrícia Ramos, MOTTA, Miriam Becho. História das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 2007.

Convidamos também uma aluna de um grupo remanescente quilombola para falar sobre pertencimento étnico e identidade cultural. Em seguida, a professora de Língua Portuguesa organizou um jogral com os alunos de duas salas de aula, a partir de um poema escrito pelo supervisor escolar sobre a consciência negra. No final da primeira noite do evento contamos com dois grupos de lutas de capoeira da cidade de Parnamirim. Na noite seguinte, havia mais interesse por parte dos alunos sobre as atividades programadas para aquele segundo dia. Mesmo com a crescente participação dos alunos, muitos professores não compareceram ao trabalho na escola, o que demonstrou pouco compromisso com as temáticas que seriam discutidas naquela ocasião. Para abrir a programação convidamos o Sr. E., ex-integrante da banda X. para proferir uma palestra sobre o preconceito na atual sociedade. Dando continuidade à programação, duas alunas encenaram uma dança black que entusiasmou os jovens presentes. E fechando a noite, mais uma roda de capoeira. Lembrando ainda que houve uma contextualização das práticas culturais demonstradas.

As duas atividades colaboram para a necessidade de ampliação do debate sobre o ensino e a aprendizagem da diversidade nas escolas públicas e privadas. Servem ainda de modelos de experiências nas quais os temas relacionados a patrimônio imaterial, cultura, identidade e etnicidade podem ser abordados respeitando a maturidade e grau de aprofundamento de cada série envolvida. Um aluno que compreenda estes conceitos pode encontrar-se mais preparado no futuro para lidar com uma sociedade pluralista e multicultural.